

O HERALDO

Avença

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRETORES E PROPRIETARIOS:—LYSTER FRANCO E JOÃO PEDRO DE SOUSA

Administrador, — J. P. Sousa — Editor, — L. Franco

Publica-se ás quartas e sábados

Redação, administração, composição e impressão

Tipografia Democratica, Rua 1.º de Dezembro — FARO

ASSINATURAS: — Trimestre 500 réis — COMUNICADOS E ANÚNCIOS — Cada linha 20 réis. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial. Publicam-se todas as informações de interesse geral.

NA BERLINDA

Já regressou a esta cidade o governador civil do distrito e noticiam os grandes cicularios que lhe foi reiterada a confiança do ministro do interior.

No dizer da minguada falange dos conspícuos admiradores das peregrinas qualidades politico-administrativas que exornam o vulto inconfundível do sr. major Paulino de Andrade, este senhor regressa ilibado de todas as sandices que por ventura haja cometido no desempenho das funções concernentes ao seu mandarinato politico e, consequentemente, mais puro e imaculado do que a pombinha branca que o patriarca Noé, após o dilúvio universal, soltou da sua bojuda arca.

Em todo o caso não ha motivos para felicitar o sr. Duarte Leite nem o sr. Paulino de Andrade.

Proxada como está a incompetencia deste senhor como chefe de um distrito cujas necessidades por completo desconhece e ás quaes ainda nem sequer mostrou tendencias de dar o remedio urgentemente imposto pelas circunstancias, não ha duvida que causou desagradavel surpresa o fato de voltar ainda investido nas funções de governador civil um cidadão que não inspira confiança aos velhos republicanos da provincia.

Que importa que no remanso do seu gabinete, onde talvez não cheguem os clamores da indignação publica provocada pelos dislates da politica anti-republicana e bifronte do sr. Major Paulino, o sr. ministro do Interior, decerto jesuiticamente informado pelos protutores e apaniguados do mesmo senhor, acerca do que se passa neste distrito, lhe tenha renovado a sua confiança politica?

Que temos nós com isso? Nos tempos que vão correndo, um tal fato representará, quando muito, mais um lamentavel sofisma tendente a desvirtuar as mais justas aspirações democraticas. Nada mais.

Não é a trez ou quatro pretenciosos almiscarados, desses a quem os dinheiros e os colarinhos reluzentes facilitam o ingresso em toda a parte, que o senhor dr. Duarte Leite deve escutar em tão momentoso assunto.

Não é aos invalidos politicos, aos que na sua efemera passagem pelas cadeiras do poder, apenas lograram evidenciar a sua incompetencia e inaptidão, que o sr. ministro do interior deve dar ouvidos.

E aos clamores insuspeitos dos velhos republicanos que protestam indignados contra os alevies e desconsiderações de que estão sendo victimas.

E ao testemunho maguado de

esses que ajudaram a implantar um regimen de moralidade e de justiça e que, como premio dos seus trabalhos e sacrificios só teem tido dissabores e agravos, que o sr. dr. Duarte Leite, na sua qualidade de presidente de um governo de concentração, deve de preferencia atender.

Porque, em que pese aos defensores officiosos do sr. Paulino de Andrade, depois do que se tem dito e escrito acerca da incapacidade deste senhor para tão altas funções, só um notabilissimo descaro e um impudor sem precedentes o podem impulsionar a exhibir-se como chefe de um distrito onde nem já lhe resta sombra de prestigio moral.

Não se trata de uma opposição levantada por clientelas descontentes, nem se trata de um movimento orientado por ambiciosos *sedentos de mando*.

Trata-se tão somente de uma campanha inspirada na mais alta moralidade de principios e que se pode sintetisar nestas breves palavras:

Os republicanos do Algarve não estão dispostos a tolerar por mais tempo o regimen de atropelos, agravos e injustiças de que teem sido victimas.

Que o sr. major Paulino de Andrade e a matilha ignobil dos seus aduladores e serventuários, o compreendam de uma vez para sempre.

ACOS E CONSIDERAÇÕES

Pladas dubias

Registrando os comícios de protesto contra a politica republicana do chefe do distrito, efectuados em Lagoa e Portimão, conclue assim o nosso colega *O Distrito de Faro*:

«Consta-nos porem que, depois de tão impetuosas explosões, aquele magistrado ficou mais seguro do que nunca no seu logar.»

Não é caso para admirações. Lá diz o ditado: Quem não tem vergonha todo o mundo é seu...

Pedacinhos de ouro

Recortamos da *Paulineia* do nosso prezado colega *O Algarve*, estes preciosos mimos:

«Ao Algarve é necessario dar-se-lhe a paz e a tranquillidade que amedrontou em todas as terras a grande maioria dos seus habitantes, é necessario que todos nos ponhamos ao lado da ordem e na fé do respeito que a população algarvia tem pela instituição republicana, terminando-se de vez com suspeições e denuncias para as quaes não ha motivos serios.»

Concordamos.

Mas não é perseguindo sistematicamente os republicanos que prestaram serviços á Republica antes de 5 de outubro, não é vexando-os por todas as formas e processos, não é tambem prendendo e mantendo arbitrariamente presos individuos sobre quem não pesavam as menores suspeitas, nem é passando ordens de prisão a favor de dedicados republicanos e com outras paulinices semelhantes que a ameaçada paz, essa paz tão apetecida pelo *Algarve*, e aliás por todos nós virá bafe-

jar-nos com o brando ruflar das suas azas doces.

Se o colega for capaz de provar o contrario, daremos a mão á palmatoria e quatro velas á Santo Quizumba, santinho muito da nossa devoção, apesar de não gostarmos de santos.

A Severa

Espirituosas profecias da Provincia do Algarve:

«Está em Faro, sindicando do falado caso do 33 o sr. Antonio Augusto da Silva, coronel de cavalaria e inspector da mesma arma na quarta divisão.

Consta-nos de fonte certa que logo que esta sindicancia esteja terminada, os officiaes visados estão resolvidos a tirar, de quem os alvejou, o justo desforço seja em que campo for.

A lição será severa.»

Salve-se quem puder! Esta coisa vai ser levada de mil diabos.....

.....E as mãos que o som terrível escutaram Ao peito seus filhinhos apartaram!

Mas agora me lembro que tudo isto é para inglez ver, pois toda a gente sabe

...que a Severa já morreu.

O Paulinho

O semanario do sr. Silvestre Falcão, arengando ás massas, diz:

«Segundo as nossas informações, um carreiro proferiu no comício de Portimão frases de insulto grosseiro, dirigidas ao chefe do distrito, em termos taes que indignou a propria assembleia.

Que diabo estaria fazendo o administrador do concelho, que devia ter assistido ao comício?

Provavelmente dormia.»

No comício de Portimão falaram tres oradores. Foram eles: o sr. dr. João Carlos de Mascarenhas, que, segundo os relatos do *Heraldo* e da *Alma Algarvia*, não falou do governador civil; o sr. Julião Quintinha, que desassombradamente poz em evidencia os atos impoliticos do mesmo governador civil; e o sr. dr. João Pedro de Sousa, que, segundo os mesmos relatos, foi *energico e violento*.

A respeito do sr. dr. João Pedro de Sousa, disse o *Heraldo*:

«.....ninguem deve estranhar que venha ali, perante aquele Povo, que tão carinhosamente o acolheu, bingar, ainda que em traços rapidos, essa risivel figura de operaria a que está reduzido o chefe do distrito.....»

Tenciona ser violento..... Em seguida entre calorosos aplausos, descreve a nefasta politica do chefe do distrito, aponta fatos *incontestaveis* que o tornam indigno da missão para que o nomearam e, depois de vergastar implacavelmente como o tagante da mais violenta critica o chefe do distrito e a camarilha negra que o rodeia, confessa que o Povo do Algarve só deve ter um grito de protesto: *Fôra com o governador civil! Rua!*

O que então se passa é realmente impressionante. Sugestionada pelas veementissimas palavras do orador, toda aquela enorme turba vibra indignada contra o major Paulino e repete em altos brados as suas ultimas frases:

Fôra com o governador civil! Rua!

Disse a *Alma Algarvia* de Portimão:

«Falou o dr. João Pedro de Sousa, que foi energico no seu ataque ao governador civil, intimando alguém, que por acaso quizesse, a dizer ao governador que fosse ali ali para ouvir da sua boca as mais tremendas acusações.

O orador falou bastante tempo, tendo rasgos de boa oratoria e d'um raro brilhantismo, que foram coroados dos maiores aplausos.»

Por aqui se depreendem duas coisas: Que este carreiro a que a *Provincia* do sr. dr. Falcão se refere deve ter sido o sr. dr. João Pedro de Sousa;—Que só infamemente se pode fazer a insinuação de que as palavras d'este orador indignaram a propria assembleia.

Quanto ao qualificativo de *carreiro*, cá se vai registando a *amabilidade*. Quanto á pretendida *indignação* da assembleia, é para lamentar que a *Provincia* do sr. dr. Silvestre Falcão siga taes processos de critica.

A paulinista *Provincia* ainda pergunta que diabo estaria fazendo o administrador. Provavelmente dormia — diz ela.

Não dormia tal. Ao que nos consta, o governador civil, que, tinha ido a Evora, comunicou-lhe que, vindo nesse dia para o Algarve, tencionava ir a Portimão, assistir ao comício, e até nos constou que á ultima hora lhe enviara um telegrama, dizendo-lhe que o fosse esperar a estação.

Por andar nestas bolandas é que o administrador do concelho não assistiu ao comício.

E afinal em vez de vir á estação para acompanhar á villa o supradito governador, parece que tão somente o veio prevenir da exaltação que por lá corria, e tanto assim que o *valente*, o *energico*, o *destemido* governador houve por maior conveniencia... bater em retirada.

Largo dos cordoeiros

Consta que a vereação municipal tenciona denominar assim o antigo largo de S. Francisco, hoje aforado aos cordoeiros.

Pobres moradores do antigo largo de S. Francisco! Agora é que vão ficar surdos de todo. Tambem quem não é rico pode bem dispensar-se do luxo de ter ouvidos.

Carta de Faro

Quem lesse o que veio na *Provincia do Algarve* do dia 3, a respeito da impossibilidade de se publicar nesse dia a carta do seu *solicito correspondente de Faro*, com certeza imaginava que o tal correspondente fazia desabar o mundo.

Pois não, senhores! Essa carta ou, melhor, esse tal correspondente esvumou diferentes peçonhas que caíram sobre si proprio.

Mas entre varias coisas, o que mais feriu a nossa atenção foram estas deliciosas palavras com que pretendeu anavalhar não sabemos quem:

«...E nada valem, porque lhes falta a força moral para isso.»

«...Convem destacar certos sujeitos de sotavento da provincia, creaturas moralmente depravadas e sem nenhuma cotação no meio social...»

Não sabemos quem sejam estes sujeitos de sotavento, mas sabemos quem é o autor da tal *carta de Faro*. O que desejamos, afim de que os nossos leitores e os de *Provincia do Algarve* conheçam este individuo, é que venha ele mesmo dizer o seu nome, e que continue mas assine as cartas, para que toda a gente veja quem é o purista que deseja pôr em relevo a moralidade dos outros.

CANCIONEIRO DO POVO

Dá-me um beijo, dou-te dois,
A minha paga é dobrada,
Porque é brio dos amores
Pagar a não dever nada.

Men amor se te arrependes
D'algum bem que me fizeste,
Dá-me os beijos que te dei
Pelos que tu já me deste.

Dá-me os beijos que te dei,
Que já lá tens mais de mil,
Dá-me os que agora te peço,
Os outros deixa-los ir.

RINDO

EMFIM SÓS!...

No final de contas fora sempre aquele o seu ideal: dispor de um governadinho geitoso, moldavel, acomodaticio, de ouvidos sempre prontos a chocarem o ovo da desconfiança logo que, em ocasião propicia se lhes instilasse a competente doze de peçonha! Viêra-lhe aquela pretensão estulta logo depois do cinco de Outubro, ao ver repoltreado na cadeira fôfa do governo civil um amigo velho e ponderado.

Antes disso, a falar a verdade, ninguém lograra descobrir-lhe a côr... politica.

Mas... que demonio? havia de ser por esse pequenino *senão* que a Patria, —essa Patria amada que ele subjetivava neste rincão algarvio,—havia de perder o concurso uberrimo e esplendoroso das suas ideas fritas?

Não! Não podia ser!

Por isso foi com grande alvoroço — um alvoroço todo intimo, em que havia preludios de aleluia e trinados sonoros de rouxinolos felizes — que ele viu num dia premaveril e ditoso o Rosalis, um que nunca estivera para atuar-lhe ás caturreiras, sair despeitado do governo civil depois de trinta mil peripicias varias e cerca de oito mil ariquelhos rabiscados em prosa esquipatica e irritante, num jornaleco moribundo de burguezes pançudos e enfatuados...

Agora sim! — pensou então com os seus botões.—A coisa ia entrar nos eixos. O compadre, arceiro e perspicaz, lá estava ao leme da nau do Estado, confiante e sorridente; a calva a reluzir n'uma efervescencia de projetos e reformas em embrião...

E logo, em arrebatamentos de disparatado e impulsivo, tratou de escrever ao compadre, áquele compadre poderoso e magnanimo que lhe ofertava charutos e, lhe dispensava uma confiança inquebrantavel, pouco mais ou menos o seguinte:

«Crido compadre:—Vê lá se mandas para cá um governadinho que saiba do trinal...»

Depois, sorridente, ditoso, um clarão de alegria a reluzir-lhe nos olhos maganos, correu a deitar ele proprio a preciosa missiva no recetaculo do correio.

Nada, que a coisa era de vida ou de morte.

Se lhe mandassem qualquer sujeito de mau estomago, inflexivel a ademanes e galanterias, é a excursões patuças, á noite, por entre os arruamentos labirinticos da cidade, tinha o caldo entornado, teria as pernas quebradas...

Por estes e por outros motivos é que ao saber da vinda do major — um sujeito com a fama de irascivel e prosapias de aliança, — todo se alegrára lá por dentro!

Que diabo! Já era tempo de ir mettendo a *canalha* na ordem, esta *canalha* ignobil e pretenciosa que, lá por ter feito o 5 de outubro se lembrava agora de ter pretensões! de querer mandar!

Podia lá ser! Ora os *asnos*! Nem que a direttriz imposta aos negocios publicos pudesse alguma vez deixar de ser orientada pelas mentalidades mais conspicias, poderosas e sãs...

A falta de homens lá estava ele... Mas, veio finalmente o dia da chegada do novo chefe do distrito.

O registo das primeiras impressões fizera sangrar o seu coração e demais visceras de patriota irracundo... mas por fim, com getto e treta, com persistencia, blandícias e frases carinhosas, em que vibravam finos atenciosos e mil sinfonias de saudação, acabara por cativar o homem.

Insinuara-se, conseguira meter-se

bem a dentro daquele espírito-mavortico de militarinho com sangue na guelra capaz de cem mil conquistas...

Sim, era bem seu, pertencia-lhe de corpo e alma, não matava um mosquito, nem enxotava uma mosca, sem consultá-lo,—mas,—que diabo! Não engraçava, não podia tolerar aquele espetáculo, aquela cena sempre repetida de vê-lo, a ele, ao seu governadinho geitoso, moldavel e acodomático, de bons ouvidos sempre prontos a chocarem o ovo da desconfiança, ali constantemente rodeado por gente estranha, advogando interesses extranhos e em extranhas posturas...

E foi por isso que, distilando toda a sua bilis em longos artigos em que a Verdade brilhava pela ausência ou falando ás turbas espantadas, pelas cafurnas de cavaço e hapanças líridas, ele empreendera a tarefa sempre grata de conquistar o seu idolo, de tê-lo só para si.

E lá que o conseguira não restava dúvidas.

Toda a gente, toda, se indisposera com o chefe do distrito.

Agora, no salão nobre do governo civil pairava a solidão mais triste e algumas aranhas melancólicas iam melancolicamente entretecendo as suas teias aos cantos do casarão ou entre os pingentes facetados do lustre saudosos das noites de gala.

Mas também, que jubilo íntimo quando ele, na sua qualidade de mentor talhado á faca, assomava á porta, e verificava aquela solidão grata ao seu espírito egoísta.

Depois, rechupando um charuto, repletia, consigo:

—Foram-se todos! Ainda bem! **Em fim sós!**

Flamínio.

MAIS ECOS E CONSIDERAÇÕES

Verdades

Aceituando a grande popularidade do sr. major Paulino, recortamos do nosso presado colega *O Carbonário*, de Évora, os seguintes apontamentos para a biografia politico-administrativa do mesmo sr. major:

Pelo Algarve vai um destes rebolões do espantar, devido á politica inhabil do sr. Paulino de Andrade que, por desgraça nossa, uma ocasião mandaram para Évora como governador civil.

Aqui, como se sabe, teve s. s. uma ação dissolvente, aplainada ainda assim pela Associação Commercial, Camara, Sindicato Agricola e outras colectividades de polpa. Os telegramas ao governo pedindo a conservação do sr. Paulino choviam como pardaes na eira; pois, caso estranho, o funcionario que em Évora tanto conseguia agradar é o mesmo que no Algarve agora tanto conseguiu desagradar.

Aqui, foi só uma parte da cidade a dizer coisinhas bonitas de s. s. a, alem é o distrito todo—lodo repare-se bem—que protesta; e que reclama a saída immediata do sr. Paulino para onde não faça perca nem dano.

E ao que vimos em jornaes; vão ser atendidos os algarvios.

Felizes creaturas...

Lágrimas de crocodillo

Sempre hypocrita nos seus arrazoados e pretendendo á viva força reconquistar uma popularidade que perdeu por sempre, fala assim *A Provincia do Algarve*, órgão regionalista de Tavira:

São de lamentar as cenas de verdadeira selvageria que se deram com os pobres condãozidos a Faro, tendo-lhes sido dirigidos os maiores insultos e vexames, que a autoridade respectiva devia ter reprimido, pondo cobro a laes desmandos, que ponco abonani os que os praticaram.

Em nenhum regimen se permite tal. El atê de velhos republicanos chegaram a esta redação queixas censurando amargamente o barbaço e triste acontecimento.

O *Provincia*, lembra-te de que de todos esses dyslates é unico culpado o teu amigo Paulino, por isso, em vez de inúteis lamurias, era mais pratico, muito mais, que lhe pedisses que tivesse juizo e não andasse para ali a mandar prender á tda toda a gente que lhe desse na tiqueta.

Se assim fizesse talvez ainda te levassem no conceito publico.

Colasas e lolsas

O sr. Paulino foi a Lisboa, veio, tornou a ir, partiu, voltou, já cá está, é muito provavel que se demore por cá pouquissimo tempo sem calhar, e o Ex.^{mo} Ministro do Interior chama-o até lá, manda-o até cá, torna a chamalo, teima em mandalo, o povo republicano do sul indigna-se com as afrontosas arbitrariedades do homentinho *inergico* e Sua Ex.^a vendo apenas através das lunetas *Menezacías* do sr. Falcão,

dá ao frequentador do centro *mal-guá* todo o apoio, despreza a opinião publica, troça os protesios de toda a imprensa algarvia, á esção de dois jornaes *paulinistas*... e... sorri.

Oxalá, os desmandos, desequilibrios, violencias, perseguições a bons republicanos, prisões arbitrarías e grosseiras do teizissimamente *inergico* muito brevemente não tirem o riso a Sua Ex.^a.

E' sempre mau desgostar o povo. Será sempre bom lembrar que a provincia do Algarve não está situada no Alemtejo e que o povo algarvio também sabe ser energico, quando quer ser.

Faça-se politica sensata, e democratica. Governar uma provincia á *Xuão*, num regimen de liberdade, nem pensar n'isso é bom.

Juizo! Muito juizo!

Subscrição Nacional para a compra de aeroplanos

Transporte...	50000
J. A. Machado...	500
José Martins da Cunha...	10000
Soma...	65500

A convite do sr. Afonso Alvaro Freire, mui digno chefe dos Serviços Telegrafo-Postaes do Distrito, teve lugar, em 10 do corrente, uma reunião de todo o pessoal tanto da Secretaria como da Estação Telegrafo-Postal de Faro, presidida por aquele funcionario, na qual foi apresentada a patriótica ideia, da iniciativa da Corporação dos Correios e Telegrafos Portuguezes, — a aquisição dum aeroplano por sua conta para ser oterecido ao intemerato Exército Portuguez em 5 de Outubro proximo, comemorando assim o 2.^o anniversario da implantação da gloriosa Republica Portuguesa.

A ideia foi entusiasticamente acolhida por todo o pessoal, que, conforme os desejos da Comissão Central, organizada para angariar os respectivos donativos, constituiu immediatamente a sua Comissão distrital para continuação dos trabalhos daquela. Ficou assim composta: Presidente, Afonso Alvaro Freire; 1.^o Secretarios Armelino José Rodrigues e José do Nascimento de Paula Carapeto; 2.^o Secretario José Jacinto Paredes, Tesoureiro Augusto de Jesus Maria Alves e vogaes João Xavier de Basto como representante do pessoal na imparidade e os distribuidores José Francisco Antonio e Francisco Miguel Penha, todos dedicados amigos do regimen e entusiastas pelo grande e patriótico proposito. A estes cidadãos todos se podem dirigir para quaesquer esclarecimentos. Esta comissão deliberou logo em seguida expedir para todas as estações telegrafo-postaes do Distrito os competentes convites á fim de que se organisem immediatamente as comissões locais, destinadas a recolher as listas dos subscritores, de modo que em 25 do corrente estejam todas prontas a enviar á Comissão Central.

Grande e patriótico movimento este! Nem outra coisa era de esperar da briosa corporação que tão assinalados serviços prestou na implantação da Republica e na sua consolidação, para o que muito tem contribuido o prestigio do seu chefe, o antigo republicano Antonio Maria da Silva.

Saudamos calorosamente os empreendedores de tão patriótico intento.

DIA HISTÓRICO

14 de agosto

1319—Instituição da Ordem de Cristo.

1385—Batalha de Aljubarrota.

1433—Morte em Lisboa D. João I, com 75 anos de idade e 48 de reinado.

1483—Morte de Luiz XI de França.

1844—Os francezes comandados pelo general Bugéand derrotam os marroquinos em Isley.

15 de agosto

1149—Instituição da Irmandade da Misericórdia de Lisboa.

1234—Descobrimeto da ilha de Santa Maria, por Gonçalo Velho Cabral.

1648—Tomada de Loanda e do reino de Angola aos holandezes.

1769—Nascimento de Napoleão.

1815—Assassinio do general Ramel, em Tolosa.

16 de agosto

1546—Grande vitória em Diu.

1587—Conquista de Gôa.

1768—A ilha de Corsega reune-se a França.

1812—O incendio de Moscow e batalha de Imolensk.

EM DEFESA DA REPUBLICA

A QUESTÃO DO 33

Continua a ser extraordinariamente debatida a celeberrima questão que se levantou ha mais de vinte dias entre o sr. dr. João Pedro de Sousa e a officialidade do 3.^o batalhão do 33.

Publicamos as atas e os documentos que se referem ás pendencias provocadas por varias locaes deste bi-semanario e, a seguir, as necessarias e imprescindiveis considerações que o sr. dr. João Pedro de Sousa apresenta sobre o caso.

ATA N.^o 1

Aos onze dias do mez de Agosto de 1912, pelas 15 horas da tarde, e em virtude da carta que lhes foi dirigida pelo Ex.^{mo} Sr. D. Miguel de Alarcão, (documento n.^o 1) reuniram-se os abaixo assignados como representantes do mesmo ex.^{mo} sr. na residência do primeiro dos sinatarios, na rua Basquinho n.^o 25, d'esta cidade de Faro, deliberando procurar em seguida o ex.^{mo} sr. dr. João Pedro de Sousa, a quem fizeram na redacção d'*O Herald*o pelas 16 horas, e no Centro Democratico, onde ali lhes foi dito que pelas 16 1/2 horas se encontraria este cavalheiro.

E não tendo conseguido avistal-o, nem no Centro Democratico, onde se conservaram até proximo das 17 horas, nem na redacção d'*O Herald*o, onde de novo voltaram, achando-se esta já fechada, resolveram dirigir-lhe a carta constante do documento n.^o 2.—(a) Francisco Viegas Junior, Amílcar Duque.

ATA N.^o 2

Aos doze dias do mez de Agosto de 1912, n'esta cidade de Faro, e residência do primeiro sinatario, tendo-nos sido entregue pelas 18 horas, a resposta do ex.^{mo} sr. João Pedro de Sousa (documento n.^o 3) damos, em vista d'ela, por finda a nossa missão, julgando ilibada a honra do nosso constituinte. (a) Francisco Viegas Junior, Amílcar Duque.

DOCUMENTO N.^o 1

Ex.^{mos} srs. Francisco Viegas Junior e Amílcar Duque, meus presados amigos.—Tendo o *Herald*o de Faro, no seu numero 30, publicado uma local que julguei injuriosa para mim, notifiqui, áquele jornal que, finda a sindicancia por mim requerida, exigiria dos proprietarios d'aquelle periodico, a devida reparação.

Terminou a sindicancia e tendo o sr. João Pedro de Sousa assumido a responsabilidade do artigo em questão, como consta dos n.^{os} 31, 32 e 33 do referido jornal, venho rogar a V. Ex.^a queira exigir d'aquelle senhor a retratação das suas afirmações em uma reparação pelas armas.—Sou de V. Ex.^a am.^o obg.^o, D. Miguel de Alarcão.

DOCUMENTO N.^o 2

Ex.^{mo} Sr. Dr. João Pedro de Sousa.—O ex.^{mo} sr. D. Miguel de Alarcão pediu-nos ao ex.^{mo} sr. Amílcar Duque e a mim, para nos entendermos com v. ex.^a sobre a pendencia que se levantou entre v. ex.^a e ele, por motivo dos artigos publicados nos n.^{os} 30, 31, 32 e 33 do bi-semanario *O Herald*o, para, em fim, procurarmos hoje v. ex.^a por varias vezes, quer na redacção do referido periodico, quer no Centro Democratico, onde até nos informaram: poder v. ex.^a ser encontrado pelas 16 1/2 horas.

Não tendo sido possível avistal-nos, apesar dos nossos esforços, muito agradecidos ficamos a v. ex.^a se se dignasse encarregar dois dos seus amigos, para nos entendermos sobre o assunto da pendencia e sua consequente resolução, rogando-lhe mais nos indique o local em que, para esse fim, possamos encontrar-nos, o mais rapidamente possível. Esperarei em minha casa, rua Basquinho, n.^o 25, ou no quartel de infantaria 4, ate ás 16 1/2 horas essa comunicação.—De v. ex.^a am.^o obg.^o, Francisco Viegas Junior.—Faro, 11-8-1912.

DOCUMENTO N.^o 3

Ex.^{mo} Sr.—Respondendo á carta de v. ex.^a datada de 11 de agosto de 1912, respeitante á pendencia que se levantara entre mim e o sr. major Miguel de Alarcão, por motivo de diferentes locaes do *Herald*o, escritas por mim sobre a attitude do 3.^o batalhão do regimento de infantaria 33, ou melhor, sobre a attitude da respectiva officialidade, venho declarar a v. ex.^a que de modo nenhum, por varias razões que oportunamente explicarei no mesmo *Herald*o, aceito o duelo proposto pelo sr. major Miguel de Alarcão. Pego a v. ex.^a a distinta fineza de comunicar esta minha declaração terminante e positiva, ao sr. Amílcar Duque, e depois

ao sr. major Mignel de Alarcão, afim de se seguirem os efeitos que este cavalheiro julgar mais convenientes. De v. ex.^a m.^o al.^o ven.^o cr.^o obg.^o.—Faro, 12 de agosto de 1912. (a) João Pedro de Sousa.

Ata—Aos onze dias do mez de agosto de mil novecentos e doze nas casas da residência do segundo dos sinatarios na rua do Pé da Cruz desta cidade de Faro e pelas desolito horas se reuniram os abaixo assignados Marcelino Carlos, 1.^o tenente de marinha e Domingos Antonio Calado de Branco e Brito, 2.^o tenente de marinha, afim de lavrarem a presente ata. Tendo os sinatarios recebido uma carta do ex.^{mo} sr. Antonio Artur Pereira Luz, capitão do 3.^o batalhão de infantaria 33 (documento n.^o 4) carta em que o mesmo ex.^{mo} sr. os encarrega a lhe servirem de testemunhas para a liquidação duma pendencia de honra suscitada por uma local no jornal desta cidade *O Herald*o de 20 de julho ultimo, local não assignado e pela qual eram portanto responsáveis os directores de *O Herald*o, constando do mesmo jornal serem seus directores os ex.^{mos} srs. Lyster Franco e João Pedro de Sousa, respectivamente editor e administrador, foram os sinatarios procurar o primeiro destes ex.^{mos} srs. nas casas da sua residência na rua de S. Francisco desta cidade, onde pelas 16 horas de hoje-lhes foi declarado pelo ex.^{mo} sr. Lyster Franco que no mesmo jornal *O Herald*o já o ex.^{mo} sr. dr. João Pedro de Sousa se havia declarado como o unico redactor e responsável d'aquelle local; seguidamente procuraram os sinatarios o ex.^{mo} sr. dr. João Pedro de Sousa nas casas da sua residência na rua do Pé da Cruz e pelas 17 horas de hoje-lhes foi declarado por sua ex.^a que em primeiro lugar é ele o unico responsável por tudo que *O Herald*o tem publicado acerca do 3.^o batalhão de infantaria 33, que em segundo lugar, se não bate em duelo e que em terceiro lugar não fez nem fará nenhuma retratação conforme já declarou no seu jornal.

Em vista de exposto pelo ex.^{mo} sr. dr. João Pedro de Sousa, julgamos os sinatarios ilibada a honra do seu constituinte o ex.^{mo} sr. Antonio Artur Pereira Luz, capitão de infantaria 33, ficando-lhe cunhado o direito de privadeo como entender. E para constar se lavrou a presente ata. (a) Marcelino Carlos, 1.^o tenente de marinha, Domingos Antonio Calado de Branco e Brito, 2.^o tenente de marinha.

DOCUMENTO N.^o 4

Ex.^{mos} Srs. Marcelino Carlos e Branco e Brito, meus prezados amigos.—Julgando-me injuriado, como official do exercito, do jornal *O Herald*o, de 20 de julho ultimo, n'uma local *Batalhão do 33*, quando affirmo que n'este quartel se castigam e desrespeitam injustamente com odios de principios os subalternos que sob o dolman de soldados ou de sargentos velam o destino da Patria, fazendo-se gaudio e panelhula com conspiradores, notifiqui dentro do prazo legal aos administradores e editor do referido jornal que logo que a sindicancia pedida pelo ex.^{mo} sr. major comandante do batalhão ultimasse os seus trabalhos exigiria dos referidos senhores, a retratação das injurias dirigidas ou a reparação pelas armas. Terminada hoje a sindicancia, rogo aos meus prezados amigos de servirem de minhas testemunhas para liquidação d'este assunto.—De v. ex.^a am.^o obg.^o, Faro, 11-8-1912. (a) Antonio Artur Pereira Luz, capitão de infantaria 33.

Em seguida ás primeiras referencias que neste jornal se fizeram á officialidade do 3.^o batalhão do 33, recebi uma carta do sr. major Miguel de Alarcão, notificando-me de que oportunamente me chamaria á responsabilidade pelas afirmações que tinha feito.

Ja esta carta, escrita impensadamente e sem nenhuma razão que a justificasse, caiu mal no espirito dos seus leitores. E mais censurado foi o sr. major Miguel de Alarcão, desde que tres ou quatro dos officios do seu comando reproduziram em cartas successivas a

mesma desorientação de principios, A carta do sr. major Miguel de Alarcão, depois de varias considerações, dizia:

... Esta pois é o assunto pendente d'essa sindicancia, de que resultará, ou a minha punição se previerquei, ou o autor da local ter de dar contas á justiça dos alevies a que tão levemente deu publicidade.

O que eu porém, não delego em ninguém, é o direito de castigar as ofensas que me sejam dirigidas.

Logo pois, que este assunto esteja officialmente liquidado, exigirei do autor da local a satisfação do insulto, ou reparação condigna, o que me cumpre notificar, como faço, no prazo de 48 horas, estabelecido em todos os codigos para liquidação de pendencias de esta natureza.

E a carta do sr. capitão Luz dizia, por outras palavras, a mesma coisa.

Não obstante as declarações terminantes das suas cartas, estes dois officios, não sei por que mysteriosas intenções, caíram no contrasenso de não esperar o fim da sindicancia e mandaram a minha casa as testemunhas do estilo, em questões de duelo, exigindo uma retratação ou reparação pelas armas!!!

Em nome do sr. capitão Luz vieram ter comigo os srs. Marcelino Carlos e Branco e Brito, tenentes da armada, e em nome do sr. major Miguel de Alarcão fui procurado pelos srs. major Francisco Viegas e Amílcar Duque.

Os primeiros quizeram saber de mim: 1.^o Quem assumia a responsabilidade das afirmações do *Herald*o a respeito da officialidade do 33. Ao que eu respondi que tudo quanto sobre o caso se disse e quanto se disser no *Herald*o é da minha inteira e absoluta responsabilidade, o que aliás seria escusado afirmar, visto que no proprio *Herald*o eu já fizera essas terminantes declarações; 2.^o Se sim ou não me retratava. Ao que eu respondi que não cairia em semelhante baixeza, o que aliás já estava declarado no meu jornal; 3.^o Se por ventura estava disposto a aceitar o duelo. Ao que eu respondi que não, porque não reconhecia ao sr. capitão Luz o direito de se bater comigo.

Os segundos, que me procuraram na redacção do *Herald*o e na sede do Centro Republicano Democratico de Faro, não conseguiram falar comigo. No entanto, recebi uma carta do sr. major Francisco Viegas, pedindo-me que visto ele e o sr. Amílcar Duque me não terem encontrado, escolhesse duas pessoas que podessem conferenciar com eles sobre a pendencia levantada entre mim e o sr. major Miguel de Alarcão.

Para não incomodar ninguém, porque a ninguém certamente agradam estas incumbencias, fui eu proprio ter com o sr. major Francisco Viegas ao seu gabinete, no quartel do 3.^o batalhão do 4.^o e ali mesmo, depois de conferenciar com eles sobre o assunto, lhe deixei uma carta para sua ex.^a mostrar ao sr. major Alarcão. Nessa carta, declarei que, por motivos que oportunamente explicaria no *Herald*o, não aceitava o duelo.

Ora, os motivos por que não aceito os duelos do sr. capitão Luz e do sr. major Miguel de Alarcão, e bem assim por que não aceitarei quaesquer outros duelos com os restantes officios do 33, são de varias ordenes. Em primeiro lugar, a circunstancia de neste jornal se dizer que a officialidade era um pouco avessa ás novas instituições, não constitue verdadeiramente uma offensa á honra de ninguém, a não ser que os inimigos da Republica julguem deshonroso o seu criterio e a sua liberdade de pensamento.

Em segundo lugar, não compreendo que uma officialidade inteira, que foi genericamente alvejada nas minhas palavras, não escolhesse entre si um delegado que exigisse de mim quaesquer explicações ou a competente reparação pelas armas. Virem os officios, cada

um de per si, impor atrevidamente a formal reatratção do que eu dissera, ou a reparação pelas armas, é positivamente o cumulo da insensatez e o desconhecimento reprensivel das normas que regulam a grande farça do duelo.

Com effeito, por meio do duelo, como dizem os seus inconfundiveis apologistas, derimem-se responsabilidades e define-se a honra dos contendores. Ora, visto que me referi genericamente á officialidade do 3.º batalhão do 33, suponhamos que aceitava os duelos que os officiaes individualmente me propozeram e que a sorte das armas era caprichosa a ponto de me deixar vencido em relação a uns e vencedor em relação a outros. Pergunto: em que ficava a honra da officialidade? Em que sentido os partidarios do duelo traçariam a sentença?

Em terceiro lugar, sendo absolutamente leigo no manejo da *espada franceza* e do *florete*, e dada a hipotese dos meus adversarios, *officiaes do exercito*, serem amestrados no jogo das armas, tanto mais que o sr. capitão Luz já foi durante alguns anos professor de esgrima, está claro que a aceitação dos duelos representaria da minha parte o previo e estúpido reconhecimento da victoria alcançada pelo inimigo, e a proposta que os adversarios me fizeram, com a absoluta certeza de vencer, importa a mais nojosa covardia.

Em quarto lugar, o duelo é um crime publico previsto e punido pelos artigos 381.º e seguintes do código penal.

Além de todas estas razões, ha uma outra, que já em tempos, no dia 3 de junho de 1909, consubstanciei n'um artigo da *Aurora da Tua*, jornal de que fui director. E já que vem a proposito, seja-me licito fazer a fiel transcrição do artigo, nos pontos que mais interessam:

«Fulano, que é como quem diz um ministro, um deputado, um jornalista, ou coisa que o valha, diz quasi verdades a Cicrano, que por costume é outra individualidade notavel do nosso paiz, e este, ofendido ou como que ofendido na sua honra, envia áquele as teatunhas do estylo, que hão de tratar de exigir e dispor quanto antes uma reparação pelas armas. Al temos o duelo. Quasi todos os dias os jornaes se referem a pendencias desta natureza e o publico, esse publico tão desencontrado em sentimentos, aprecia de dois modos diversos: para uns é o duelo um meio eficaz de desafronta, uma doce e bela criação mantida no espirito fidalgo, um sistema activo de mostrar quem é dotado de razão e sentimentos nobres; para outros é ele um meio de deteção o mais estravagante possivel, um espectáculo jocoso como a luta dos *clowns*, tendo por coliseu a arena da farça, a que tão alvarmente chamam o «Campo da honra».

Destes, que são em regra os menos illustrados, tem o duelista o escarneo e o desprezo; d'aquelles, que constituem a parte mais culta d'um povo civilisado, tem um plinto de consagração e apoteose.

E' de mais esta diferença de entendimento, para que não seja facil pôr de lado a velharia excrecente e cancerosa das *ordalhas* ou *juizos de Deus*. Mas estão ainda os jornaes, essa imprensa de *tanta moralidade*, a consentir o duelo!

Em vez de reprimir o abuso, em vez de gritar contra elle, azorragando impiedosamente os que delinquirem e ironizando com espirito essas comédias burlescas, esses duelos frequentes que se cometem na capital e que a seu respeito nos trazem a impressão d'um povo cretino e selvagem,—antes publica todas as minudencias do duelo, d'esse combate sensaborão e truanesco, fazendo assim uma irreverente propaganda de falsos principios de dignidade, que, por serem tão falados, produzem o contagio dum crime, dum escandalo, duma instituição aberratica; a imprensa lisongeia o duelista, em vez de o escorraçar, de lhe atirar á cara a peçonha d'um escarço, como sendo este o premio digno da estúpida immoralidade a que se dá o nome de duelo. Para os duelistas e seus defensores não é a honra um principio subjetivo, um principio de conciencia propria,—é antes uma coisa estranha ao sentimento dos que se degladiam, uma coisa que não tem apoio na sua conciencia, mas sim na conciencia alheia. Suponhamos que ha um réquinto ladrão, um assassino, um criminoso repente a quem se descobrem suas façanhas.

Este, não decerto n'um arranço impulsivo de defender a sua dignidade, porque a não tem, mas ardido pelo desejo estulto de querer mostrar que é digno, chama o outro a um duelo.

Colocam-se frente a frente. D'um lado, esse criminoso nato, essa creatura vaidosa e perfiada, essa flagrante aberração da natureza humana.

Do outro lado, um homem justo, um homem serio, um homem honesto e digno. Seja o primeiro um artista a ma-

nejar o revolver, a espada ou o florete, e suponhamos que o segundo não tem a mesma arte, o mesmo ensino e igual destreza.

Batem-se. Cai este por terra. E porque assim foi, os estrenuos defensores da grande farça calcam aos pés o vencido, que até ali era um modelo de dignidade, e ecoam salmos ao vencedor, que até ali era uma creatura abjeta, um monstro de sentimentos. No entender dos parvos, d'esses peraltas maquiavélicos, veio o jogo das armas, que é uma coisa banal que apenas significa boa sorte, ás vezes casualidade, e que é estranho á natureza intima do coração dos homens, destruir o conceito honroso dos sentimentos do vencido!

E d'estes apreciadores, d'esta raleia podre e assim tão barbara, ainda hoje se diz que é a parte mais culta d'um povo civilisado!

Aqui fica, bem nitidamente expressa, a minha opinião a respeito do duelo, e creio que será esta a opinião de toda a gente sensata a quem repugnam as comédias d'esta natureza.

Tenham paciencia os officiaes do 33, mas a verdade não pode ser outra.

E já que assim é, deixem-se de farças e se quizerem e puderem venham para este jornal provar que são menos corretas ou menos verdadeiras as acusações que lhes fiz.

João Pedro de Sousa.

MUNDO EM FÓRA

Pelo estrangeiro:

Os sismografos da Alemanha e da Austria registaram um violento abalo de terra ás 3 horas do dia g.

Houve um grande incendio nas minas de petroleo de Moreni, Austria. Ha muitos mortos e feridos e são grandes os prejuizos materiaes.

Foi aprovada pelo congresso paraguiano a eleição de Eduardo Scharrel para a presidencia da Republica e a do sr. Pedro Bobadilha para a vice-presidencia.

Vitima de uma explosão de pólvora, faleceu em Port-au-Prince o presidente da republica do Haiti. Em sua substituição foi eleito o sr. Tancredo Augusto.

Um candieiro que se voltou, em consequencia de um grande abalo de terra, em Schorlon, Andrinopla, produziu um incendio em que foram destruidas trezentas casas.

Um abalo de terra na Turquia causou mais de mil victimas.

O tribunal do Maghzem condenou á pena de morte 5 individuos acusados de terem dado fuga ao *rebelle Triatre*.

Annuncia-se que vai começar uma greve geral na cidade de Londres.

Pelo palz:

O dr. Afonso Costa foi alvo das mais intensas manifestações de simpatia, quando da sua ultima visita á Guarda.

Tem produzido os mais lisongeiros resultados a subscrição aberta em diferentes jornaes para aquisição dos aeroplanos.

No Porto, vão ser rigorosamente cumpridas as leis que proíbem o jogo.

A convite de um grupo de patriotas do propagandista José Baizel, reuniram no ultimo domingo na Casa Sindical grande numero de Algarvios que acordaram na maneira de protestar contra a prisão d'aquelle cidadão.

A comissão instaladora do *Centro Republicano Radical*, que em breve inaugura a sua sede na rua da Madalena, em Lisboa, distribuiu profusamente pelo povo da capital um patriótico manifesto expondo a sua orientação partidaria.

Revestiu grande luzimento em Lisboa a homenagem a Bartolomeu de Gusmão, o portuguez inventor do primeiro aerostato.

Tambem decorreu imponentissima a homenagem prestada a Trindade Coelho e que consistiu uma grandiosa romagem ao seu tumulo, no cemiterio dos Prazeres, junto do qual fizeram uso da palavra varios oradores e propagandistas do livre pensamento.

Foi nomeado ministro de Portugal em Berlim o sr. dr. Sidonio Paes.

Uma comissão de burlados pelo professor interino do liceu Camões, Romão de Noronha, que promoveu uma excursão educativa ao estrangeiro e que se ausentou para Paris com a importancia de 15 contos que para tal fim recebera de varios associados resolveu reunir todas as provas que possam servir de base ao despacho de pronuncia e tenciona pedir a extradição d'aquelle indistinto educador.

Pediu a exoneração de governador civil substituto do distrito de Coimbra o sr. dr. Francisco Judice Formosinho.

ELEIÇÕES

COMISSÃO POLITICA MUNICIPAL

Em harmonia com os avisos que se distribuiram, convidando todos os cidadãos pertencentes ao *Partido Republicano Portuguez* a concorrer á eleição da Comissão Política Municipal, que teria lugar na sede do *Centro Democrático de Faro*, efectuou-se realmente essa eleição no domingo passado, pelas 17 horas, na sede do referido *Centro* e com uma assistencia numerosa, que bem serviu para demonstrar quanto é grande a força dos republicanos de Faro.

O ato eleitoral, que correu na melhor ordem, sem a mais ligeira nota discordante, produziu o seguinte resultado:

Vogaes efetivos

João Viegas Calçada, de S. Braz de Alportel, com 113 votos; Manuel de Brito Junior, da Conceição, com 112 votos; José do Carmo Ramos, de Faro, com 103 votos; Antonio Martins Paula, de Faro, com 99 votos; Ventura Coelho de Vilhena, de Faro, com 76 votos; José da Encarnação Vieira, de Santa Barbara de Nexe, com 28 votos; Joaquim Afonso de Brito, de Estoi, com 27 votos.

Substitutos

Afonso Pereira de Assis, de Faro, com 75 votos; João de Sousa Prazeres, de Faro, com 64 votos; Ernesto Mata Branco, de Faro, com 58 votos; João Martins do Estanco, de S. Braz de Alportel, com 32 votos; José de Mendonça Gazita, de Estoi, com 31 votos; Antonio Pedro Franco da Cruz, de Faro, com 20 votos, e Miguel Penha, de Faro, com 20 votos.

Segundo o artigo 49.º da lei organica do Partido Republicano Portuguez, as comissões municipais tem as seguintes attribuições:

- 1.º—Executar as deliberações do Directorio;
- 2.º—Organisar o recenseamento de todos os membros do partido do seu concelho, até ao fim de março de cada ano, e promover a sua inscrição no recenseamento politico;
- 3.º—Promover a entrada de correligionarios em todas as agremiações do partido e pugnar pelas suas candidaturas, di-
- 4.º—Promover e dirigir a organização das comissões parquias nas freguezias do concelho, devendo fazer-se representar por um dos seus membros na respectiva eleição e instalação, sempre que seja possível.
- 5.º—Fazer-se representar nos congressos ordinarios, extraordinarios e regionaes;
- 6.º—Promover a realização de conferencias e comícios;
- 7.º—Estabelecer, por sua iniciativa, ou por incumbencia do Directorio, escolas ou bibliotecas populares e desenvolver a instrução e a educação civica;
- 8.º—Escolher, de acordo com as comissões parquias, e em sessão conjunta podendo ser, os candidatos ao congresso nacional, indicando a sua escolha ao Directorio, e bem assim os candidatos a vereadores do municipio;
- 9.º—Escolher os candidatos á junta distrital;
- 10.º—Reunir-se em duas sessões mensaes ordinarias, e nas extraordinarias que forem determinadas pelo presidente ou por dois dos seus outros membros, ou quando tenham de deliberar sobre consulta do Directorio;
- 11.º—Enviar anualmente até 31 de março um relatório dos trabalhos partidarios ao Directorio;
- 12.º—Cobrar as quotas dos subscriptores que voluntariamente se inscreverem para o seu cofre.

Em harmonia com o artigo 51.º da mesma lei, compete ás comissões parquias:

- 1.º—Organisar até ao fim de janeiro de cada ano, o recenseamento do partido na parquia, e promover a sua inscrição no recenseamento politico;
- 2.º—Remeter até ao dia 15 de fevereiro, ao presidente da respectiva comissão municipal, o recenseamento partidario a que se refere o numero anterior;
- 3.º—Zelar e fiscalisar cuidadosamente os recenseamentos eleitoraes das respectivas parquias, promovendo a inclusão dos membros do partido nos cadernos eleitoraes;
- 4.º—Estabelecer escolas de ensino profissional, fundar bibliotecas populares de caracter democratico e liberal, e realizar conferencias tendentes á educação do povo;
- 5.º—Promover, com todo o zelo, a maxima circulação dos jornaes do partido, e vulgarizar, quanto possível, as publicações que pugnam pelos principios democraticos;

6.º—Escolher de acordo com a comissão municipal ou comissões municipais do respectivo circulo, em sessão conjunta podendo ser, os candidatos ao Congresso Nacional e a vereadores do respectivo concelho;

7.º—Escolher os candidatos á junta de parquia;

8.º—Reunir em sessão ordinaria, ao menos mensalmente, enviando ao presidente da respectiva comissão municipal nota circuntanciada de quaesquer resoluções de importancia;

9.º—Cobrar as quotas dos subscriptores que voluntariamente se inscreverem para o seu cofre, prestando contas á comissão municipal respectiva, com recurso para o Directorio.

rigido os trabalhos relativos ás eleições geraes e ás das corporações administrativas, em harmonia com as indicações do Directorio;

GAZETILHA

Já consta no mundo inteiro
Que vai dar-se um entremez:
E' o mestre Paulininho
A prender o trinta e tres!

Dos soldados faz policias,
Dos cabos... cabos de esquadra,
Dos sargentos faz arezes,
Do ajudante faz creada.

Os senhores officiaes,
Até o proprio major,
Fica sendo do Paulino
O seu estado maior.

Mas tudo isto porquê?
Porque vem tanta desgraça?
E' por causa dos duelsos
D'essa feia e triste farça!

Fio de Linho.

POR ESSE ALGARVE

Monchique

No dia 1 chegou aqui o cidadão Frederico de Castro para tomar posse da administração do concelho, em virtude de ter sido demittido do logar de administrador o cidadão José Joaquim Candeias Maio.

A demissão d'este desagradou aos verdadeiros republicanos.

Tanto um como outro tinham no tempo da extinta monarchia, exercido aqui o mesmo cargo, sendo o ultimo nomeado por *aquella senhora*.

Qual dos dois servin a contento do Povo?

O Povo sensato, o povo que não usa mascara, que responde:

Ambos podem dizer de sua justiça:

Um: «Eu sou e já era republicano antes de 5 de outubro, porque já pertencia a esta ou áquella associação.»

O outro:

«Eu não sou só isto senão tambem aquilo e... coisas mais avançadas, etc.»

Tudo poderá estar muito bem. Porem, é conveniente citar fatos.

Nem todos veem as coisas pelo verdadeiro prisma. Ou porque as não queiram ver, ou porque não sabem velas.

Para se poder avaliar quem mais zelou a monarchia e quem mais combateu a Republica citaremos alguns episodios que n'esta occasião nos recordam.

Quando foi da aclamação do radioso ex-rei D. Manuel II, achando-se aqui uma companhia com animatografo, que trabalhava no teatro, promoveu o sr. Castro um espectáculo de gala dedicado ao ex-rei, onde deu muitos vivas a toda a realza.

Por esse tempo havia aqui um grupo de rapazes, amadores, que se dedicavam á arte theatral e musical, e que, conquanto não se declarassem republicanos, apresentavam as suas idéas liberaes. Foi o bastante para serem perseguidos pelo então administrador do concelho, o sr. Castro, que lhe proibiu até que fizessem uso do seu estandarte, que já era bicolor verde-encarnado. E não se contentando com isto, fez com que deixassem de dar espectáculos, obrigando a fechar o teatro, com o pretexto de que a casa estava condenada, em consequencia das portas abrirem para dentro e não para fóra!

Isto sendo a mesmíssima casa onde tinha havido o tal espectáculo de gala, onde o sr. Castro tanto se expandiu em vivoio á extinta realza!

Ha mais. Se ouvia cantar ou tocar a Portugueza lá estava a prohibir, solieto e dedicado como o mais ferrenho monarchico. Onvia vivas á Republica! aparecia a prohibir! E se fosse só prohibir... Mas chegou por estes grrandes crimes a meter na *enxovia* alguns individuos, bons defensores da Republica, fazendo-os ali passar amarguradas horas! Este snario seria mais que sufficiente motivo para ser julgado incompativel n'este pequeno torrão.

Mas ha mais:

Quando da penultima eleição monar-

quica e que foi aqui votado pela Republica o sr. Fernandes Costa, hoje ministro das Colonias, veio aqui fiscalisar o ato eleitoral o republicano sr. José Duarte Lima Elias. Mas nem por isso deixou de haver a habitual chapelada, a que a imprensa da provincia e da capital agora se tem referido.

Quem fez isso?

Até foram com as latas para a administração do concelho fazer o *apuramento*!

Foi n'esta ultima eleição monarchica que se tramou o nojeito labeu que foi lançado na Republica nas pessoas de José Cardoso e mais meia duzia de verdadeiros republicanos que estavam fiscalizando o ato eleitoral e que em plena assembleia foram espancados, esmurrados e espinhados? Responda quem souber.

Que triste figura faz em tudo isto o sr. governador civil!

Constou por cá que no penultimo domingo viriam aqui uns amigos da Republica fazer um comicio. Tanto baslou para que o sr. Casiro pedisse para que a estação telegrafica ficasse em serviço permanente e fez vir de Faro meia duzia de policias e o seu commissario sr. dr. Santos. O mais engraçado é que não veio ninguém fazer o tal comicio.

Mas estamos certos que não perdem pela demora.

CARTEIRA

Fazem anos:

Amanhã, 15—O. Maria Antonia Fernandes, D. Albino Candido de Matos, O. Luiz de Assunção Lopes, D. Mario Albertina dos Reis, João Casimiro dos Santos, José Joaquim Pires Soares, Antonio Pedro Mirques, Ensebio do Nascimento da Gloria e Vitorino Bazilio Pereira.

Sexta, 16—D. Ana Dias Ferreira e Melo, D. Eduardo Moreira Feio, D. Violante da Silva Fernandes, D. Maria das Dores Marçal, D. Judith da Conceição Gomes, Artur Balaia G. Iva, dr. José Frederico Cortes de Moraes, Luiz Comano de Bivar, dr. Adolfo Portela, João Sereia, José Pedro B. Itazur e Manuel Joaquim Lopes.

Sábado, 17—D. Isaura da Silva Gonçalves, D. Joana Nolasco Pimentel, D. Antonia Maria Bandeira, D. Maria Pacheco da Gloria, Maria dos Santos Baliste, dr. José Vaz Guetreiro Judice Aboim, Joaquim Antonio Pacheco, Francisco Bernardino de Brito, Julio Mergal da Silva, Antonio Manuel Mendes o o menino Feroado, Brito de Vale.

Exames:

Habilitados pelo distincto professor sr. Joaquim Viegas Azimbeira, foram aprovados nos exames do 1.º e 2.º graus, os mecos Alexandre e Virgilio de Brito, filhos do nosso prezado amigo e dedicado correligionario da Campina de Faro, sr. Manuel de Brito.

Nascimentos:

Ou á luz uma galante criança do sexo femenino a sr.ª D. Maria Alexandrina de Almeida Taxinha, esposa do sr. José Marcelino Taxinha, nosso prezado assinante do Lisboa.

Tambem deu á luz uma galante criança do sexo femenino a sr.ª D. Isabel dos Santos de Sousa Prazeres, esposa do nosso amigo João de Sousa Prazeres.

Necrologia:

Faleceu em S. Braz de Alportel o nosso dedicado correligionario sr. Francisco de Sousa B. ilio. Onixa ao desamparo tres filhinhos que muito estimava.

A entulada familia as nossas condolecias.

PRAÇA DE TOIROS

Foi alugada para toda a epoca, por uma empresa de Lisboa, a praça de toiros que a *Empresa Tauromagica Farense* possui n'esta cidade.

A empresa arrendataria tenciona organizar a primeira corrida no dia 25 do corrente com um bem organizado cartaz, em que figura como cavaleiro o aplaudido artista Eduardo Macedo.

NOTICIARIO

Acompanhado de sua esposa partiu para Cascaes o sr. Antonio de Sousa Coutinho.

Partiu para Lisboa a esposa do sr. Francisco José Pinto Junior.

Tambem foi á capital o sr. Augusto Vieira dos Reis.

Regressou a Beja, acompanhado de sua esposa, o sr. Tavares Arcaujo.

Em goso de licença, parte hoje para a Curia, o nosso prezado amigo sr. Francisco de Assis Crispim, brioso tenente de infantaria 4.

Acompanhado por sua familia, partiu para Monte Gordo o sr. Antonio Montes, inspetor dos caminhos de ferro.

Regressou de Lisboa o nosso prezado correligionario sr. Domingos Angelo.

Está em Lisboa o nosso prezado correligionario sr. Sebastião Gregorio Mendes, de Martinlongo, Alcoutim.

Foi presidir aos exames do 2.º grau em Lagoa, o nosso prezado amigo sr. José Antonio Dentinho Junior, professor do liceu da Horta.

Para presidir a estes exames em Vila Nova de Portimão, foi nomeado o reverendo Araujo, digno reitor do liceu de Chaves.

Foram nomeados professores do 5 grupo do liceu de Faro os srs. Antonio da Cunha Belem e Bernardino José Barbosa Junior.

LATOARIA PONTE

Sucessor de JOÃO F. X. da SILVA REIS

CASA FUNDADA EM 1889

R. Conselheiro Bivar, 3 — Avenida da Republica, 2

FARO



Especialidade em exaustores para banho, em cobre polido, sistema francez, o melhor, mais economico e perfeito que até hoje tem apparecido. Manufatura de gazometros e candieiros para gaz acetilene, dos mais praticos e perfeitos. Encarrega-se da montagem dos mesmos em qualquer terra da provincia.

Especialidade em bombas de todas as qualidades as quaes se vendem pelos preços das fabricas.

Instalações completas para aguas, em tubo de chumbo ou de ferro.

Especialidade em autochammas inglezes em ferro fundido, sem valvula, de efeito seguro.

Especialidade em ferrões de soldar a gazolina, sistema alemão, o melhor e de maior resistencia até hoje conhecido.

Torneiras de latão de todas as qualidades, folha de flandres, zinco, ferro zincado, tubos de chumbo, de latão e de ferro, em todas as grossuras, latão e cobre em folha. Estes artigos vendem-se a retalho ou em quantidade, a

PREÇOS SEM COMPETENCIA

A FILHA DO DIVORCIO

Remante penitente de inanez interesse na actualidade, por uma das mais e mais escriptores francezes e illustrado com magnificas gravuras francezas. Está em publicação pelo acreditado casa editora Brien & C. Soc. Limitada. Brindez aos seus assinantes: uma estampa em cobre com um aspecto de grande novidade. Caderneta venal de dois folhos, 16 paginas, 27 réis. Tomo quinzenal de metal de 10 folhos, 100 réis.

As expedientes serão feitas em cadernetas de 20 réis ou em tomos de 100 réis, em 15 e 20 réis a cada expediente, a qual não fará segundo expediente sem ter recebido a importância anterior.

PORTUGAL PREVIDENTE

Companhia de Seguros

CAPITAL 1.000.000\$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)

Seguros contra fogo

Seguros marítimos

Seguros de cristais

Seguros contra roubos

Seguros postaes

Seguros agricolas

AGENCIAS EM TODO O PAIZ E COLONIAS

Sede—Rua do Alecrim, 10—LISBOA

AGENCIA EM TAVIRA

PHARMACIA CUNHA 181

CREADA

De meia idade, para cozinha e outros serviços, precisa-se em casa do dr. Delegado de Faro. Não se faz questão de ordenado.

TAVIRA

Vende-se uma morada de casas na rua José Joaquim Faria, n.º 52, com cinco compartimentos, corredor e quintal. Trata-se com a dona da mesma casa.

Biblioteca de Educação Nacional

AS MENTIRAS CONVENCIONADAS DA NOSSA CIVILIZAÇÃO

A PSICOLOGIA DAS MULTIDOES

O QUE É O SOCIALISMO — O ANARQUISMO

LEIS PSICOLÓGICAS DA EVOLUÇÃO DOS POVOS — CRISTO NUNCA EXISTIU

AVULSO—cada volume brochado 200 réis e encadernado 300 réis.

Tipografia Democratica

RUA 1.º DE DEZEMBRO -- FARO

N'esta casa, aberta recentemente, imprimem-se com a maior perfeição e brevidade, e por preços excessivamente baratos, todos os trabalhos tipographicos, tais como: facturas, memorandos, prospectos, bônetes de visita, modelos de repartições, folhetos, rotulos de farmacia, etc., etc., etc.

IMPRESSÃO DE

LIVROS E JORNAES

Neste estabelecimento, que é sem duvida o melhor do Algarve, encontram-se á venda varias qualidades de papel de carta, quer ordinario quer de luxo, papel de officios, cartonado, almagô, etc., tambem por preços

SEM COMPETENCIA

ESPECIALIDADE EM PAPEIS TIMBRADOS E PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO

F. S. SILVEIRA

ANTIGA CASA VIUVA SERREDELO

Drogas e produtos quimicos, para farmacia e industria

IMPORTAÇÃO DIRETA

16 -- RUA DOS REMOLARES -- 18

LISBOA

CONDICÕES DE ASSINATURA (Pagamento adelantado)
Portugal e Colónias (Um ano) Porto, 12440 réis; Provincias, 12300 réis
Avulso, 120 réis.

Brasil (meio forte) (um ano) Pelo correio, 12300 réis.

Para venda avulso, o preço é fixado pelos nossos correspondentes

ARTE
Revista literaria e artistica de que é Director
se 12 de MARQUES ABREU

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua de S. Lazaro, 310 -- PORTO

SECCAO ESPECIAL DE VENDAS POR ATACADO

A PRASO E A PRUNTO PAGAMENTO

Expediente de qualquer natureza com a maior brevidade

COMISSÕES E COMBINAÇÕES

LABORATORIO DE FARMACIA

BANDEIRA & RAMOS

DIRECTORES PROPRIETARIOS — FARMACUTICOS PELA ESCOLA DE LISBOA

SUCCESSORES DA ANTIGA FARMACIA PIRES

FUNDADA EM 1803

RUA D. FRANCISCO GOMES, 40, 42 E 44

FARO

Armaçimento para Farmacias, Hospitais e Laboratorios

Tisana de Zittmann, formula modificada do dr. Constantino Comano

Além de outros reagentes de laboratório

AGUAS DE VIDAGO (Tingido, Vidago, n.º 2 e Vidago)

AGUAS DE VICENTE (Frio e quente) DA CUBA E DE NORDE (Quente)

PREÇOS MODICOS

REMEDIO CONTRA LOMBRIAS (Vermifugo Brago)

É um remédio que se recomenda por ser o que com maior justificação se pode chamar — A saúde das crianças.

Aos revendedores e maiores compradores concedemos, quando se quiser, o mesmo desconto que damos aos nossos clientes. A cada 100 réis de compra damos 10 réis de desconto. A cada 200 réis de compra damos 20 réis de desconto. A cada 300 réis de compra damos 30 réis de desconto. A cada 400 réis de compra damos 40 réis de desconto. A cada 500 réis de compra damos 50 réis de desconto. A cada 600 réis de compra damos 60 réis de desconto. A cada 700 réis de compra damos 70 réis de desconto. A cada 800 réis de compra damos 80 réis de desconto. A cada 900 réis de compra damos 90 réis de desconto. A cada 1000 réis de compra damos 100 réis de desconto.

JOSÉ MARTINS DA CUNHA

Procedimentos e formalidades
Papelaria e papéis
Folhas de papel
Folhas de papel
Folhas de papel
Folhas de papel
Folhas de papel
Folhas de papel
Folhas de papel
Folhas de papel
Folhas de papel

Transmissão de cartas
de Lisboa e Porto
Agencia de transporte de cartas
Procedimentos de cartas e de
Folhas de papel, n.º 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
Além de outros reagentes de laboratório

SOLICITADOR REGISTRADO EM

VARIOS TRIBUNAES DO PAIZ

Além de outros reagentes de laboratório
Folhas de papel, n.º 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
Além de outros reagentes de laboratório
Folhas de papel, n.º 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10
Além de outros reagentes de laboratório

22 -- RUA PRIMEIRO DE DEZEMBRO -- 28

FARO

LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE ANTONIO DOS SANTOS CAPELLA

AGENCIA DE PUBLICAÇÕES LITERARIAS

RUA DA MARINHA N.º 15 -- FARO

Fornecimento completo de livros necessarios em todos os collegios e liceus